

Caractéres, com a penultima syllaba longa. E' frequentissimo o errar, fazendo-a breve.

Cardialgia [doença] e não *cardiagia*, como erradamente pretende Madureira, não sabendo ser palavra composta do grego *cardia* que quer dizer *coração*, e de *algima* que significa *dor*.

Cardinalado e *cardinalato*: de uma e outra pronunção ha bons exemplos; porem a primeira parece mais propria da nossa lingua, pois dizemos *papado*, *pontificado*, *purpurado*, *priorado*, *arcediagado* &c.

Carestia: já por antiquado se não diz *careza*.

Caricioso por *carinhoso* só o temos achado atéqui em alguns livros de inferior nota na linguagem, como é entre outros o *Crysol Purificativo*, que na pag. 11 diz: «Foram mais *cariciosos* com os filhos da velhice» &c.

Carpear [termo de cardador]. Bluteau traz *carmear* no mesmo sentido, mas não produz exemplos. *Carpear* é o usado.

Cavalheramente e não *cavalheirosamente*, que traz Couto na Decad. 7. Liv. 9. pag. 205.

Cavalhero [homem fidalgo] e não *cavalheiro*; assim o achamos nos melhores *Classicos*.

Cavouco e *cavouqueiro*, e não *cabouco* e *cabouqueiro*, como vulgarmente se diz: «Alguns *cavoucos*, em que no inverno se recolhe alguma agua»: Barros, Decad. 1.^a, pag. 192: «Cincoenta e seis *cavouqueiros*: Souza, Hist. de S. Domingos tom. 1. pag. 344.

Celeusma [vozeria dos marinheiros]. Outros escreveram *Celeuma*, e o fizeram do genero feminino. A primeira pronunção é a genuina.

Cercador e *cercante* [termo militar] ambos tem bons exemplos.

Cerce [cortar] e não *cercio* acho em varios orthographos, seguidos pelo Padre Bluteau.

Cerefolio [erva] e não *cerfolho*, trazem os nossos livros de medicina, que os criticos receberam por textos nas vozes facultativas.

Certamen disse Vieira no tom. 1. pag. 173: «Já tenho vencido o *certamen*» &c. Mas não será errada pronunciação tirar-lhe o *n*. Bluteau [não sei com que fundamento] faz servir *certamen* para os exercicios do engenho, e *certames* para os combates da vida.

Cevo e não *cebo*, quer Bluteau que se diga, fallando-se da gordura dos animaes; porem tem prevalecido o pronunciar-se *cebo*.

Charel e não *chairrel*, como vulgarmente se diz, pronunciaram sempre os que trataram da arte da cavallaria e dos adereços dos cavalloos.

Chinas [nação] e não *chins*, porque esta pronunciação, sendo de bons auctores, está hoje antiquada no uso de bons modernos: comtudo não se póde condemnar absolutamente a pronunciação antiga.

Chocarrear, *chocarreiro* e *chocarrice*, e não *chacorrear*, *chacorreiro* e *chacorrice*.

Churma de forcados da galé e não *chusma*, como disse o auctor da Insulana no Liv. 2. est. 87. Veja-se ao Padre Bluteau.

Cipreste [arvore] e não *acipreste*. Já Duarte Nunes condemna esta viciosa pronunciação.

Circuncidar, *circuncidado*, e não *circuncisar*, *circuncisado*.

Cirieiro melhor do que *cerieiro*. Os que pronunciam com *e*, deduzem esta palavra de *cera*, e os que usam do *i* deduzem-a de *cirio*; e esta pronunciação é a que mais prevalece.

Cirzir e *sirzido* e não *cirgir*, *cirgido*. Vieira tom. 2. pag. 335: «tão *cirzidos* com a pelle» &c.

Citharedo e não *citharista* chamou Vieira ao tangedor de cithara: «Entre os *citharedos* e histriões sahia no theatro» &c. De *citharista* não achamos outro exemplo mais que o uso de alguns modernos.

Clareza e *claridade* differem na applicação. Diz-se *clareza* da vista, do discurso, da nobreza &c.: *claridade* da luz e corpos luminosos &c.

Coartada por prova de falsidade que se imputa. *Quartada* é erro.

Cobarde e *covarde*: de um ou outro modo se póde dizer, porque se acham exemplos classicos; porem o segundo é de Vieira em muitos logares. «Inconstantes, *covardes* e efeminados» &c. tom. 10. pag. 144. *Acovardamento* é que já se não diz, não obstante os seus bons exemplos. Diz-se *covardia*.

Codice e não *codex*, como dizem os aferrados á pronunciação latina.

Cognação e *agnação* rigorosamente fallando tem grande differença, e os que bem fallam não costumam confundir estas pronunciações. *Cognação* é parentesco por linha feminina, como mostra Gouvea na sua *Justa acclamação*, pag. 256: *agnação* é parentesco por linha masculina, segundo o mesmo auctor, pag. 257: «Era parenta *agnada* d'El-Rei D. Henrique» &c.

Cogula, *cugula* e *cucula* achamos em diversos auctores. A Mon. Lusit. no tom. 4. pag. 40 diz *cogula*: o Agiologio Lusitano tom. 1. pag. 101 traz *cugula*: a Benedictina Lusit. part. 1. pag. 60 diz *cucula*. Qualquer destes auctores, como não é classico, tem igual auctoridade. Nós dizemos *cogula*, porque a achamos em Severim, escriptor mais correcto que os sobreditos. Vide o Disc.^o 4. pag. 68.

Colorear por cobrir alguma cousa com apparencias, diziam os antigos. Brito, Mon. Lusit. tom. 2. pag. 23: «Com uma *coloreada* mostra de virtude» &c. Ibidem, pag. 65: «*Colorear* melhor a sem-rasão» &c. Hoje prevaleceu o *córar*, e já o Padre Lucena na vida do Santo Xavier, pag. 336 disse: «Por vestir e *córar* a mentira» &c. Em Vieira tom. 5. pag. 239 achamos o mesmo, dizendo: «um novo e não *corado* titulo» &c.

Colubrina [espada] e não *columbrina*, como ignorantemente diz o povo. Por imitar no tortuoso a figura de cobra traz a sua origem da palavra latina *coluber*.

Complice e não *cumplice*. Parecia desnecessaria esta advertencia, por ser mui sabida a pronuncia genuina; mas não quizemos deixa-la em silencio, porque se acha *cumplice* muitas vezes na collecção de varios papeis que ha annos sahiram sobre a falsa doutrina então introduzida de se perguntar na confissão sacramental pelo *complice* do peccado &c.

Comprimento e *cumprimento* é pronunciação que communmente se confunde, tendo aliás grande differença. *Comprimento* é medida, e *cumprimento* a execução da obrigação. E assim se deve pronunciar rua *comprida*, discurso *comprido* &c., e voto *cumprido*, preceito *cumprido* &c.

Conclave com a segunda longa, posto que em latim seja breve.

Condestable era a pronunciação constante dos nossos antigos; e o Padre Bluteau ainda não quiz admittir a de *condestavel*, senão para explicar aquelle que nos navios e fortalezas tem á sua conta a preparação da artilharia. Como nós pronunciamos *estavel* e não *estable*, não foi para estranhar que mudassemos para *condestavel*, cuja pronunciação é hoje a dominante, e a de *condestable* sabe a antiguidade, posto que veneravel.

Conluio e não *conloio* é o que achamos nos que fazem auctoridade.

Consenso e *consentimento*: qualquer destas pronunciações tem bons exemplos.

Consequente tomado por adverbio é menos usado do que *consequinte*. Por conclusão do enthimema logico tem diversos exemplos de Vieira.

Consiliario não tem a seu favor os bons auctores que tem *conselheiro*.

Constituente e não *constituinte*, como vulgarmente dizem quasi todos.

Consulente disseram os classicos: *consultante* os escriptores de inferior nota.

Contagio e não *contagião*, porque já o não permite o uso.

Contia [v. g. de dinheiro] e não *quantia* se acha sempre nos melhores Classicos; porem, segundo alguns modernos, parece que deve prevalecer o uso como dominante. Isto não obstante, nós sempre seguiremos aos mestres antigos, como Fr. Luiz de Souza, que sempre disse *contia*. Vide part. 3. pag. 461 &c.

Conversa por *conversação* só se achará em auctores que ou despresaram ou ignoraram a pureza da pronunciação portugueza.

Copista e *copiador*: de uma e outra pronunciação usavam os auctores classicos. Nos primeiros tomos da Monarq. Lusit. diversas vezes se acha *copiadores*, e na Corografia de Barreiros *copista*. Hoje *copiador* serve mais para significar o livro em que os negociantes copiam as cartas que mandam para fora.

Corrigir e não *correger* é o que lemos nos bons textos.

Cossario e não *corsario* contra o parecer do Padre Madureira, que não soube qual era a auctoridade de

Vieira, Jacinto Freire e outros, que sempre escreveram *cossario*. « A pirataria dos *cossarios* estrangeiros, » Vieira tom. 3. pag. 336. « O *cossario* Barba-roxa » &c. Jacinto Freire pag. 5, e em outras muitas partes.

Coudel e *coudelaria*, e não *caudel* e *caudelaria*, posto que venha do nosso antigo nome *caudilho*.

Credibilidade e *credulidade*: tal é a ignorancia de alguns, que equivocam estas pronunciações, entendendo que uma significa o mesmo que a outra. *Credibilidade* é a razão por que uma cousa facilmente se faz crível. Vieira tom. 1. pag. 170: « A idolatria semeou a *credibilidade* » &c. Pelo contrario *credulidade* é facilidade em crer.

Credor é linguagem mais correcta do que *acredor*; mas esta segunda pronunciação tambem tem bons patronos; e bastava Vieira, que no tom. 6. pag. 259 disse: o que se deve aos legitimos *acredores* » &c.

Crocodilo e não *cocodrilo*; e se em algum bom auctor se achar, é certamente erro da impressão.

Crueldade e não *crudelidade*, como erradamente achamos em alguns livros.

Curvidade e não *curvadura* se diz da inflexão de cousa curva ou revoltada.

Custode [anjo] e não *Custodio*, disse Barros na Decad. 3. pag. 37: « Dous espiritos *custodes* » &c.

Cyclopes e *Cyclopas* achamos em dous classicos. Vieira disse do primeiro modo: « Os ethiopes ou *cyclopes* banhados em suor » &c. tom. 5. pag. 515. Camões disse do segundo: « Em quanto as officinas dos *cyclopas* Vulcano está queimando. » &c. Ode 9. est. 4. A auctoridade de Vieira é a que prevalece.

Damascado, lavor que imita ao damasco, e não *adamascado*, diziam os nossos antigos. Fr. Heitor Pin-

to tom. 2. pag. 58. « Toalhas finas *damascadas* &c. Deve-se seguir, por que entre os bons modernos ainda se usa esta pronunçiação.

Dearticular e não *articular*, pronunciaram os bons Auctores. O Abecedario Real na pag. 2. diz. « Quando nascem os homens, a letra *a* é a primeira que *dearticulam* &c. » Em Vieira tom. 1. pag. 58 achamos o mesmo. « Eram trovões, que fallavam, e *dearticulavam* as vozes &c. » Ambas as pronunçiações são usadas; a primeira por auctoridades, a segunda por uso, sendo que já Macedo no seu *Dominio sobre a Fortuna* pag. 121., e a *Brachylogia de Principes*, pag. 164. usaram de *articular* e de *articulação*.

Debuxador: tenho-o por mais conforme á indole da lingua, do que *debuxante*, do mesmo modo que hoje dizemos *desenhador* e não *desenhante*.

Decurso (de tempo) tem a seu favor a grande auctoridade de João de Barros, que na Decad. 3. pag. 24. disse. « Aquelles, que por *decurso* de annos jubilavam na guerra &c. Porem *discurso* tem mais exemplos. Brito no tom. 1 da Monarquia, pag. 296. No *discurso* desta guerra &c. Vieira disse o mesmo. « Que podesse mais com elle o *discurso* do tempo, que o *discurso* da razão &c. » A ambos seguiu Francisco Rodrigues Lobo, dizendo na Côrte na Aldea, pag. 224, « o *discurso* da idade &c. »

Dedal, instrumento de costura, dizem uns, deduzindo-o do portuguez *dedo*: outros *didal* do latim *digitus*. Este modo é hoje mais usado, mas um, e outro tem exemplos.

Defensa e *defesa* confundem muitos, segundo ao vulgo. *Defensa* é para a acção de defender alguma coisa com armas, ou com palavras. Jacinto Freire Liv. 4. n. 5. « Muros de ladrilho, que mais serviam ao adorno, que

á *defensa* &c. *Defesa* é mais proprio nos casos, em que se allega justiça. Por isso desta palavra usa a nossa Ordenação Liv. 5. tit. 1. §. 2. dizendo. « *Defesa* se pode pôr a todo o tempo pelo reo &c. » Com tudo não duvidamos que contra esta nossa doutrina appareça algum exemplo; porem nós persistimos nella, fiados em bons manuscriptos originaes que temos observado.

Deflorar e *desflorar* tem iguaes exemplos de auctoridade; e *deflorar* tem de mais o uso corrente.

Deformidade e não *disformidade*. Vieira tom. 8. pag. 222. « Circumstancia, que não só parece alheia da rasão, senão ainda *deformidade*. » Deve-se seguir esta pronunciação, porque são muitos, e ellassicos os exemplos.

Degradar, mais usado do que *degraduar*, de que usou Macedo no Dominio sobre a Fortuna pag. 96. « Se *degradúa* da dignidade de ter o seu Creador por amparo, &c.

Deliciar por *deleitar* não tem exemplos de boa classe.

Deliramento e não *delirio* diziam os nossos Classicos. Brit. Monar. Lusit. tom. 1. pag. 23. « Mil fabulas, e mil *deliramentos* &c. » Presentemente prevalece *delirio*.

Demerito por *desmerecimento* é de Barros na Decad. 1.^a pag. 20. Outros muitos o seguiram, especialmente Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister em diversos lugares.

Demonstrar tem melhores exemplos do que *demonstr*. Vieira, tom. 1. pag. 409, diz: « *Demonstrativamente* se convence que não se acha » &c. No mesmo tomo pag. 680: « Aquelle *iste* é *demonstrativo* » &c. Mas no tomo 2. pag. 447 disse *demonstrar* depois de dizer *demonstrar*, quasi tendo por melhor esta segunda pronunciação, pondo-a em primeiro logar.

Demudado por *mudado* diziam frequentemente os nos-

sos auctores mais puros. « Ficando tão seguro e pouco demudado, que não fez mostras de fugir » &c. Monarq. Lusit. tom. 1. pag. 156.

Denunciar por *annunciar* foi muito usado em outra idade; hoje não se diz senão no sentido de declarar algum crime á justiça &c.

Departir por *partir* é de Fr. Luiz de Souza na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 41, onde diz: « Em fim se *departiram* » &c.

Dependurar [com os mais nomes que delle nascem] e não *pendurar* se acha em Barros, Vieira e outros, aos quaes ainda seguem alguns modernos.

Derrubar e não *derribar*. Vieira tom. 1. pag. 797: « Os farizeus vieram tentar, e queriam *derrubar* a Christo » &c. Pereira, Ulyss. cant. 6. est. 65: « Vão *derrubando* os duros segadores » &c.

Desacommodar, *descommodo* e *desacommodado* mais seguro do que *incommodar*, *incommodo* e *incommodado*, porque na nossa lingua *des* é negativo, e equivalente a *sem*.

Desaire, e *desar* querem muitos, que se não deva confundir. *Desaire* applica-se a cousa, que não tem bom geito, ou graça; e *desar* a infortunio, ou máo successo, mas parece-nos arbitraria esta distincção.

Desaninhar por tirar do ninho, tem melhores exemplos que *desninhar*.

Desapego, e *desapegado*, e não *despego*, e *despegado*, como vulgarmente dizem os que não sabem fallar.

Desaprazar, por desagradar a alguém disse sempre Severim nas Noticias de Portugal, pag. 333. *Desprazer* tenho-o por pronunciação pouco segura.

Descarnar, melhor do que *escarnar*, que se acha em escriptores de pouca auctoridade.

Descender por *descer* não se deve usar, se bem que em poesia o traz Faria e Sousa na Fonte de Aganippe part. 3. Eclog. 6. « Com o pesado fumo *la descendem*. Outros o seguiram mas sem prudencia.

Descontinencia por *incontinencia* disse D. Francisco Manuel na sua Carta de guia de casados, pag. 19 governando-se justamente pela regra, que acima deixamos apontada, de que o negativo *des* é entre nós o mesmo que o *in* entre os latinos. Mas não se deve seguir nesta parte a este Auctor, e devemos dizer *incontinencia* por força do uso.

Desdenhar, e não *desdanhar*, que traz Lobo na Corua Aldêa pag. 97., e outros, posto que de inferior auctoridade. Este verbo vem do nome *desdem*, e deve-se pronunciar *desdenhar*.

Desgarro, e não *desgarre*, como vulgarmente se diz. Seguimos a Galhegos, poeta, que cuidou muito em seguir a pronunciação dos bons textos. « Com brio superior nobre *desgarro* &c. » Templo da Mem. Liv. 1.º est. 60.

Desgraciado e não *desgraçado* disse sempre Vieira; mas o uso presente antiquou de todo esta pronunciação.

Desimaginar e não *desmaginar*, como erradamente diz o vulgo. Brit. Mon. Lusit. tom. 1. pag. 255. « Que se *desimaginassem* desta materia &c.

Deslocar e *desnocar*, não é o mesmo; a primeira pronunciação é propria para explicar o apartamento, que faz algum osso da sua junta, e sitio natural; a segunda só é propria da deslocação da nuca, por isso alguns escrevem *desnucar*.

Desmezurado por *desmedido* usou Fr. Luiz de Souza na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, dizendo na pag. 26. « de tão *desmesurada* grandeza &c. » Hoje prevalece o *desmedido*: se bem que Bluteau pretende, que

esta palavra seja mais própria para homem *descomedido* em suas palavras, e acções.

Desnaturar em vez de *desnaturalizar* achamos na mesma Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 160, onde diz. «Chegam a *desnaturallos* &c. Grande é a auctoridade deste livro, porem maior é a do uso, que só admitte *desnaturalizar*.

Desparzido por *esparzido* trazem muitas vezes Camões e Gabriel Pereira, applicando-o ao cabello espalhado, e solto. Uma e outra pronunciação está antiquada, e só em poesia se soffre.

Despedaçado tem melhores exemplos do que *espedaçado*.

Desperdicio e não *desperdiço*, como erradamente pronuncia o povo ignorante. Brachylog. de Princip. pag. 90. «Premio anticipado ao merito é *desperdicio*.

Desprezível confundem muitos com *desprezado*. *Desprezível* é só para pessoa, e cousa. Assim o observamos praticado pelos bens.

Desservir, por deixar de servir, traz D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Arcebispos de Braga. Part. 2.^a pag. 187. «Que perdoasse ElRei a todos os que o *desserviram*.» Não o temos por desuzado, se bem que muitos o tem, apesar de diversos exemplos de Vieira, tom. 9. pag. 217.

Dessuadir e não *despersuadir*, como dizem infinitos, que não se tem por ignorantes.

Destronar por *destronizar* já se não diz, porque se oppoz o uso commum á auctoridade de graves Auctores.

Desvariar e não *desvairar*, por que é pronunciação do vulgo.

Devação e não *devoção* disse sempre Vieira, Brito, Fr. Luiz de Sousa, D. Francisco Manuel, e outros. Com

tudo o uso tem feito prevalecer *devoção*, e já o lemos no Portugal Restaurado, e em infinitos modernos.

Diecese e não *diocese*, diz com muitos Vieira no tom. 1 pag. 971. «Pertence a absolução ao prelado de toda a *diecese*. Os dous Brandões pronunciaram *diocese*: esta é hoje a pronunção mais seguida, mas não é talvez a mais segura.

Diffamar parece a muitos melhor do que *infamar*, por ser a pronunção dos bons antigos; *diffamação*, que se faz por escripto, ou trovas, diz a nossa Ordenação no Liv. 5. tit. 84. §. 1. Em outros logares diz tambem: libelo *diffamatorio*.

Discorde e não *disconcorde*, como escreveram varios Auctores de infima linguagem, eserevendo tambem *disconcordar* por *discordar*, sem advertirem na origem latina.

Discorrer e *discursar*, ambos tem bons exemplos, mas supposto pronunciarmos *discurso*, tenho por melhor o *discursar*, e sirva o *discorrer* para denotar aquelle que anda de umas para outras terras. Parece que era deste parecer o nosso Bacellar, quando disse. «Com tanto *discorrer* pouco *discursa*;» fallando de um homem, que tendo corrido muito mundo aprendera pouco. No tom. 4. da Mon. Lusit. pag. 91 achamos *discursar*. «Tem os capitães por obrigação *discursar* nos meios» &c. D. Francisco Manuel segue o mesmo, dizendo. «Que de vezes *discursando* aggravos me entristeço &c.»

Disparate mais seguro do que *desbarate*, que mais significa estrago, do que cousas fóra de proposito.

Dispensação tem melhores exemplos do que *dispensa*. Os Classicos diziam. «*Dispensação* do papa; *dispensação* da lei, *dispensação* dos votos &c. Ainda se devem seguir.

Dissimulação confundem muitos com *simulação*, e

até os mesmos que conhecem bem a differença, equivo-
cam estas pronunciações. Esta é vicio, aquella virtude.

Dissimulo por *dissimulação*, de que usou o Auctor
dos *Cristaes d'alma*, pag. 106, nem em poesia o soffrem
os criticos.

Distrahimento para muitos val o mesmo que *distrac-
ção*; porem para os criticos *distrahimento* só tem bom lo-
gar, fallando-se de vida solta, e de liberdade viciosa:
distracção só significa divertimento, ou desapplicação
do pensamento naquellas materias, que nos deveriam
occupar.

Dobrez de animo; outros pronunciam *dobreza*, se-
guindo a opinião dos que querem, que devamos acabar
em *eza* aquelles nomes, que em castelhano terminam em
ez; como v. g. *estranhez*, *altivez*, *redondez*, *delgadez*, *de-
licadez*, *madurez* &c. Esta regra não é certa, porque
posto que digamos *estranheza*, *altiveza*, *redondeza*, *del-
gadeza*, *delicadeza*, *madureza* &c. não dizemos *pequenhe-
nheza*, *viuveza*, *prenheza*, *embriagueza*, *solidez* &c. di-
zendo os Castelhanos *pequenez*, *viudez*, *prenez*, *embria-
guez*, *solidez* &c.

Docissimo por *dulcissimo* disse Vieira, formando-o
assim do positivo *doce*, e não do latino *dulcis*, tom. 10.
pag. 460. «A nutrição *docissima* de seus peitos &c.

Dom. No plural deste nome quer Alvaro Ferreira
de Vera que haja duas distinctas pronunciações, e re-
commenda que estas se não confundam. Pertende este
Auctor, que *dom*, pronome de nobreza, faça no plural
dons, e que na significação de dadiya e beneficio faça
no plural *doens*. Tem a seu favor os exemplos de Vieira
no tom. 3. pag. 412, no 4. pag. 283., e 384., e no tom.
5. pag. 42, em cujos logares constantemente diz sempre.
«*Doens* do ceo, da graça» &c.

Dromedario e não, como vulgarmente se pronuncia, *dormidario*, ou *dormedairo*.

Duplices e não *duplex* diz o Agiologio Lusitano, por fugir á terminação em *x*. « *Officio duplices*, fallando da reza dos ecclesiasticos tom. 1. pag. 50.

E'bano é pronunciação mais segura do que *E'vano*. Leonel Costa, bom observador da nossa lingua, diz na sua traducção das Georgicas de Virgilio. « Produz a India só *ébanos* negro » &c.

Ecloga melhor do que *egloga*, segundo os nossos bons poetas, e seus expositores, os quaes justamente derivaram esta palavra da grega *eclegein*, e não de *aigon*, como erradamente querem outros.

Edital confundem muitos com *edicto*; sendo *edital* o papel em que está lançada a ordem do principe, e *edicto* a determinação do mesmo soberano.

Effugio por *subterffugio*, só o temos achado atéqui no tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 190.

Eiró, peixe, e não *eiroz*, como erradamente se diz.

Elle vai e não *eilo vai*, quer Bluteau que se diga, mas não procede coherente, porque tratando do adverbio *eis*, diz. « *Eilo aqui, eila aqui* » &c. Assim é que se deve pronunciar.

Elocução oratoria e não *locução*, segundo Bluteau, e Bento Pereira. O Agiologio Lusitano, livro de linguagem pouco correcta, traz. « *Elocução* acomodada á materia » &c. Qualquer das pronunciações não é viciosa.

El-Rei. Pouco ha se tem introduzido pronunciar-se o *Rei*. Não nos podemos accomodar a esta pronunciação, tão estranha á nossa Lingua, em quanto o principe nos seus papeis publicos se assinar *El-Rei*, e estiverem por elle aquelles que melhor fallam. Entre os fautores desta novidade alguns ha que procedem com distincção, cha-

mando *El-Rei* ao príncipe natural, e o *Rei* ao soberano de todas as outras nações que tem este título. Também não estamos por esta distincção, e deixamo-la para os adoradores da lingua franceza, e inimigos da nacional. Sempre diremos não só *El-Rei* de Portugal, mas *El-Rei* de Hespanha, França &c., em quanto o uso constante dos sabios não estabelecer o contrario. Não duvidamos que ha occasiões em que se deve pronunciar o *Rei*, mas não é no caso em que estamos.

Emanar e não *dimanar*. «As armas de Portugal dimanam da batalha de Ourique.» Mon. Lusit. tom. 3. pag. 132. Vieira no tom. 1. pag. 403 disse também *emanação*, mas não o segue certo auctor vivo, que sempre escreve *dimanar* e *dimanação*.

Emancipar, *emancipado*, e não *mancipar* e *mancipado*, como frequentemente se pronuncia.

Embebecido por *embebido* traz Faria na Fonte de Aganippe, cant. 5. sonet. 36: «Que de todo estão nella *embebecidos*» &c. Não se deve usar.

Embigo e não *umbigo*, como escreveram alguns, por se derivar de *umbilicus*, e dizerem os medicos — veia *umbilical*, arteria *umbilical* &c. O Padre Madureira, cego fautor da orthographia portugueza, sempre encostado á latina, pretende que *umbilico* seja melhor pronunciação. Não obstante a sua sentença, os Classicos disseram *embigo*, e os seguem aquelles que bem fallam.

Emersão e *immersão* querem alguns criticos com Madureira que não seja o mesmo. *Emersão* é cousa que se mette na agua, e della se tira, como v. g. a criança, quando a baptisam. Rigorosamente significa a acção de mergulhar ou metter na agua. «Tres vezes [diz a Carta Pastoral do Porto, pag. 126] se lança a agua benta nas paredes, em significação das tres *emersões* do baptismo»

&c. *Immersão* pelo contrario é o que se mette na agua para ficar nella. Disto não achamos exemplo em portuguez, antes Bluteau na palavra *immersão* a confunde com *emersão*, contradizendo-se com o que diz quando falla de *emersão*. O certo é que a differença sobredita é a mesma que dão os latinos a *emergo* e *immergo*; e me parece bem que tambem no portuguez os sigamos.

Emmascarar melhor do que *mascarar*, porque assim o achamos nos escriptores que temos por seguros; porem a segunda pronunciação não a temos por viciosa.

Emmoldar por *amoldar* disse nos seus Dialogos pag. 43 Fr. Heitor Pinto, auctor benemerito da nossa lingua, onde o uso constante o não tem já por antiquado.

Emmurchecer por *murchar* achamos no poema da Destruição de Hespanha Liv. 5. est. 84: « São flores que *emmurchecem* brevemente » &c. E' pronunciação viciosa, ou [dizendo melhor] verbo barbaro.

Empellicado [nascido *empellicado*] e não *emplicado* ou *implicado*, como diz o vulgo, grande mestre de erros.

Empestar e não *apestar* acho nos auctores seguros. Observe-se Barros, Fr. Bernardo de Brito e Fr. Luiz de Souza.

Empeiorar e não *peiorar* disse D. Rodrigo da Cunha na sua Hist. de Brag., pag. 208: « Do remedio fez peçonha para *empeiorar*. Foi seguido por Fr. Antonio das Chagas nas Obras Espirituaes, tom. 1. pag. 27: « Não só se *empeioram* os maus, mas » &c. Não reprovamos *peiorar* attendendo ao uso.

Emphase: melhor que *emphasis* ou *emphasi*. Os nossos antigos acabavam em *is* todas as figuras da rhetorica, que em latim terminam nas mesmas letras; e assim diziam no singular: *antiphrasis*, *periphrasis*, *hipotoposis*, *antitesis*, *protalepsis* &c. Hoje qualquer destas palavras

devemos termina-la no singular em *e*, e no plural em *es*, seguindo aos que melhor pronunciam.

Empigem, menos seguro do que *impigem*, porque vem da voz latina *impetigo*.

Empireo [ceu dos bemaventurados] e não *Empirio* ou *Impirio*.

Emplumado e não *emprumado*, posto que o diga o purissimo Fr. Luiz de Souza na sua Hist. part. 2. pag. 244: «Cabeças *emprumadas*» &c. Venceu o uso, que constantemente diz *Emplumado*.

Empossar [tomar posse], e não *apossar*, diz Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 165: «*Empossar-se* do seu patrimonio» &c.

Emprasto e não *emplastro* diziam os nossos bons antigos: hoje parece pronunciação viciosa, porque prevaleceu *emplasto*. Dizer-se *emplastro* é erro.

Emprender e não *emprehender*, por tomar a resolução de fazer alguma cousa.

Empuxar e não *empurrar*: *empuxão* e não *empurrão*.

Encalho e não *encalhe* achamos nos mais correctos auctores de medicina.

Encavalgar a artilharia, e não *cavalgar*, disse sempre Jacinto Freire. Vide o Liv. 2. n. 100. «Chegaram a *encavalgar* algumas peças» &c.

Encender não tem os bons exemplos que tem *accender*.

Encendido [fogo] não o acho em Classico, como se acha *acceso*. *Encendido* é só para denotar côr vermelha ou côr de fogo.

Encruecer e *encruar* tem exemplos nos livros de medicina.

Enfadoso, mais do que *enfadonho*, achamos nos bons textos da Lingua. «O tempo da vida tão *enfadosa*» &c. disse Lobo na Corte na Aldeia pag. 178.

Enfatuar melhor do que *infatuar*, segundo o observamos em Vieira, que talvez foi o inventor desta palavra no tom. 2. pag. 228 e 229.

Enojado e não *anojado*, pronunção plebea, de que usaram não poucos auctores.

Ensenhorear se acha muitas vezes na Mon. Lusit. *Senhorear* é o usado.

Entendente e *intendente* costumam muitos confundir. *Entendente* é o que percebe bem alguma cousa. «Pessoas *entendentes*» diz Fr. Luiz de Souza no tom. 1. pag. 351. *Intendente* é o que tem a seu cargo cuidar de alguma cousa; v. g., *Intendente* da fazenda real &c.

Entrepresa, melhor do que *interpresa*. Vieira tom. 1. pag. 632: «Resolve El-Rei manda-lo tomar dentro da cidade por uma *entrepresa*» &c. Duarte Ribeiro de Macedo, auctor Classico, no seu Panegirico á Casa de Nemurs, pag. 48, traz *interpresa*, mas creio que foi erro da impressão.

Entretenimento e não *entretimento*, de que usou o auctor dos Cercos de Malaca, pag. 53: «Nestes *entretimentos* de gosto seu» &c. *Entretenimento* é de Jacinto Freire, Vieira, e Duarte Ribeiro, em diversos logares das suas Obras.

Enviesado e não *enviosado*, como diz o povo ignorante, fallando de cousa que não é cortada ao direito.

Enxovalhar e *ensovalhar*: uma e outra pronunção tem bons exemplos, especialmente a segunda. Os que dizem *enxovalhar* tem a seu favor a D. Francisco de Portugal, que no livro Pris. e Soltur. &c., pag. 20 disse: «Flor que os olhos nunca *enxovalharam*» &c.

Epitéto com o e longo e não breve, postoque no latim o tenha. Assim pronunçou Jacinto Freire na Fabula de Polifemo, dizendo na est. 1.^a: «Lascivo este *epi-*

této me parece » &c. A pronunciar com a penultima breve ficaria o verso errado.

Eremitação melhor do que *hermitão*; assim como não dizemos *ermita*, mas *eremita*, deduzido do latim *eremus*, e não do portuguez *ermo*.

Erradicar em vez de *desarraigar* não é portuguez seguro.

Erriçar melhor do que *arriçar*, porque vem da voz franceza *herisser*. Os que fazem proceder este verbo de *arrigo*, como foi Gabriel Pereira, dizem *arriçar*: « A varia pelle *arriça*, e fogo espita » &c. Ulyssea, cant. 6. est. 74.

Error por *erro* só em poesia epica se soffre, com o exemplo de Camões no cant. 10. est. 122.

Erysipela com a penultima longa, porque vem do grego *eriein*, que significa *attrahir*, e de *pellas* que val o mesmo que *perto*. O vulgo, e com elle muitos que o não são, pronunciam *ersípela*.

Escarnecer e não *escarnicar*, porque é pronúnciação da plebe.

Escrupulisar e não *escrupulear*, como traz Bluteau, e é o unico auctor onde o temos achado. No caso que *escrupulear* tenha exemplo seguro, o uso está contra elle.

Escuridade e não *escuridão*. *Obscuridade* tem raros exemplos seguros.

Esfamiado, *esfomeado* e *esfaimado*. De todos estes modos o achamos escripto, mas só temos por genuina a terceira pronúnciação, por ser de Vieira, tom. 3. pag. 91: « Aquelle concurso de pretendentes *esfaimados* » &c. Se Madureira Feijó víra este exemplo, não preferíra *esfamiado*.

Esparecer disseram sempre os melhores Classicos, e não *espairecer*, como hoje vulgarmente se diz.

Espertador e não *despertador* achamos nos bons, porque diziam *espertar* e não *despertar*. Vieira no tom. 1. pag. 159: « Sendo tantos os *espertadores* deste desengano » &c. Porém *despertador* é já de Francisco Rodrigues Lobo, auctor recommendavel nas propriedades da Lingua. Esta pronunciação é hoje a mais seguida, mas não são poucos os que ainda seguem a Vieira.

Esplendente em vez de *resplandecente* traz Antonio Ferreira nas suas Poesias, pag. 151: « Não de marmores altos *esplendentes*. » Nem em linguagem poetica quererão alguns criticos admitir esta pronunciação.

Esposorios e não *desposorios* acho em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 158, e em outros logares; mas já se não deve dizer, porque não quer o uso. *Esposoiros* que trazem algumas das nossas antigas Chronicas, ainda é mais antiquado.

Espumoso e não *escumoso* disseram alguns dos nossos auctores, que melhor fallaram. Jacinto Freire na Fabula de Polifemo e Galatea. « Onde o *espumoso* mar Siciliano » &c. Gabriel Pereira na Ulyssea, cant. 1. est. 89: « De licor cheios *espumoso* e leve » &c. Qualquer destes poetas podia pôr *escumoso*, pois que a differença estava só em uma letra. Na prosa achamos tambem *espumoso*: « é um espirito ou corpo *espumoso* » diz Fernandes na Alma Instruida, tom. 2. pag. 404. « Electuario com mel bem *espumado* » &c. Luz da Medicina, pag. 194, livro que os criticos tem acceitado para as vozes facultativas. De *escumoso* é que ainda não descobrimos exemplo que faça auctoridade. Não obstante isto, *escuma* ou *escumoso* é o que hoje dizemos, porque assim o quiz o uso, senhor despotico nestas materias.

Esquinancia e não *esquinencia* lemos em alguns livros de medicina, aos quaes, seguindo Francisco Rodri-

gues Lobo disse na sua Corte na Aldeia, pag. 111: «Tendo uma *esquinancia*, não usava outro remedio» &c. Com tudo prevaleceu hoje pronunciar *esquinencia*, não obstante ser *esquinancia* pronunciação mais chegada á palavra grega *Synanchi*, donde se deriva.

Estabilicidade e não *estabilidade* disseram alguns, governando-se pela palavra *estabelecimento*; porem *estabilidade* é o que se acha sempre em Vieira e outros semelhantes.

Estalido melhor do que *estalo*. Galheg. Templ. da Memor. Liv. 4. est. 98: «Sôa do açoute o gemino *estalido*» &c. Dizer *estralo* é pronunciar como o vulgo.

Estamago e não *estomago* diziam os Classicos, mas prevaleceu dizer-se *estomago*, e já Brito assim o escreveu na sua Mon. Lusit. tom. 1. pag. 189, dizendo: A quem esta nova não fez bom *estomago*» &c.

Estanco ou *estanque*. Esta segunda pronunciação só a achámos duas vezes na Corte na Aldeia, pag. 142 e 145. Vieira no tom. 10. pag. 221 só usa de *estanque*, para explicar um navio bem cerrado, sem entrada para agua, e capaz de navegar: «Como se o vaso da nau fôra mais bem calafetado e *estanque*» &c. A primeira pronunciação é a dominante.

Estear eu não confundira com *estiar*. Servira-me do primeiro verbo na significação de pôr esteio a alguma cousa para ficar mais firme; v. g., *estear* uma casa, por apontoar ou *espear*: se bem que o dito verbo se vai antiquando. Dissera *estiar* por acabar de chover, e ir-se fazendo o ceu sereno, como no tempo do *estio*. Isto mesmo seguem os bons intelligentes da Lingua, a quem consultamos.

Estortor dizem os livros de medicina, e não *extortor*, como vulgarmente se pronuncia, fallando-se da respiração de um moribundo.

Estilar e *estilação* melhor do que *destilar* e *destilação*; assim o achamos nos livros mais correctos de medicina, e até o Padre Vieira no tom. 1. pag. 858 nos ministra um exemplo: « O chorar é o *estilado* da dor » &c. Em Vasconcellos, Notic. de Portug. pag. 231 achamos a mesma pronunciação: « As horas que hão de *estilar-se* no alambique » &c. *Estilar* por costumarmos não querem dizer os rigoristas.

Estellicidio e não *estallicido*, como dizem os ignorantes. Observem-se os auctores medicos, que melhor fallaram.

Estorvar e não *estrovar*, como erradamente diz o vulgo.

Estrago e não *destrago*, á maneira da plebe.

Estripar e *extirpar* são pronunciações que os ignorantes a cada passo confundem, dizendo indifferentemente uma por outra. *Estripar* é tirar as tripas fóra. Barros, Decad. 2.^a pag. 46: « *Estripando* o touro uns cães » &c. *Extirpar* é arrancar até ás raizes. Varella, Num. Vocal, pag. 547: « Se estes não desagradam por *extirparem* os vicios » &c.

Esvaicimento melhor do que *esvaimento*. Chagas, Obras Espirituaes, tom. 2. pag. 460: « Porque me cresceram os *esvaicimentos*. » Outros querem que *esvaicimento* sirva melhor para denotar *desvanecimento*, e pelo contrario *esvaimento* para significar *desmaio*; de maneira que *esvaecido* é o mesmo que vaidoso, e *esvaído* o mesmo que desmaiado. Não faltarão exemplos que comprovem esta distincção. No Prologo da Mon. Lusit. achamos: « Não sou eu tão *esvaecido* que imagine me persegue a inveja » &c. Chagas no tom. 2. das Cartas, pag. 360 diz: « No brilhar *esvaído* luzimento » &c.

Exacção e não *exactidão*, como muitos dizem e escrevem.

Exasperado e *desesperado*: de tudo achamos exemplos, mas sendo antigamente mais usado pronunciar-se *exasperado*, hoje tem prevalecido dizer-se *desesperado*.

Expedição e *expediencia*. O primeiro modo de pronunciar é do uso presente: o segundo, que não temos ainda por antiquado, é de Brito no tom. 1. da *Monarch. Lusit.* pag. 307: «Tratou seus negocios com gentil *expediencia*» &c. Seguiu-o D. Francisco Manuel nas *Epanaph.* pag. 185, dizendo: «Os principes se accommodam a menear suas *expediencias* e negocios» &c,

Experto e *esperto* não se devem confundir, antes expressar muito a pronunciação do *ex* e do *es*, porque *experto* val o mesmo que *experimentado*: *Mon. Lusit.* tom. 1. pag. 55: «Alguns soldados *expertos* nos passos das montanhas» &c. *Corte na Aldeia*, pag. 139: «*Experto* nos da mercancia» &c. Pelo contrario *esperto* val o mesmo que *acordado* do somno, ou *vivo* e *engenhoso*. «Tão *esperto* e bem temperado» diz Lobo na *Corte na Aldeia*, pag. 222.

Expiar e *espigar* tem notavel differença, e não se deve confundir a pronunciação do *ex* com a do *es*; porque *expiar* é reparar o desatino de um crime com accções satisfactorias. Duarte Ribeiro de Macedo, auctor de *polidissima* linguagem, na vida da imperatriz Theodora, diz na pag. 79: «Passou seis annos em *expiar* a idolatria do imperio» &c. Pelo contrario *espigar* é observar clara e occultamente o que se passa. «*Espiar* os desenhos do inimigo» &c. dizem as nossas Ordenações militares.

Expulso e *expulsado* ambos tem exemplos seguros, porque se acham em Vieira. De *expulsado*, que é em que póde haver mais duvida, usou elle no tom. 4. pag. 491, dizendo: *Expulsados* das missões do Maranhão &c.

Facto: deve-se exprimir bem o *ct*, para não se equivo-
car com *fato*, roupa de vestir, ou alfaias de casa. Não ha
palavras que, tanto como estas, se confundam a cada pas-
so na pronunciação; por isso não é inutil esta advertencia.

Fadario e não *fadairo*. E' mui commum no vulgo
pronunciar erradamente em *airo* as palavras que termi-
nam em *ario*; v. g., *vigairo*, *rosairo*, *salairo*, *relicairo*,
escapulairo, *lapidairo*, *campanairo*, *armairo*, *sacrairo*
&c. Algumas destas palavras assim as pronunciavam os
bons Auctores antigos: hoje é erro.

Fagueiro mais seguro do que *afagueiro*, não obstan-
te vir de *afago*. Na Corte na Aldeia pag. 311 lê-se *fra-
gueiro*; porem é erro da impressão, porque mais adian-
te vem *fagueiro*.

Farçante e *farcista*, o que representa farças thea-
traes. De *farcista* usou o Padre Lucena na Vida do San-
to Xavier, pag. 514. De *farçante* Francisco Rodrigues
Lobo na Corte na Aldeia pag. 273. Uma, e outra pro-
nunciação se admite; porem a primeira parece mais co-
herente com a de *comediante*, *representante* &c.

Farroma e não *farromba*, como diz a plebe, de cu-
ja classe é esta palavra.

Fartum [doce] e não *farte*, como de ordinario se
pronuncia.

Fasces: deve-se pronunciar bem o primeiro *s* para
se não confundirem com *faces*, como frequentemente se
equivoca. *Fasces* são as insignias dos antigos magistra-
dos romanos; de que usou Brito na Mon. Lusit. tom. 1.
pag. 216. « Levando maior guarda, e mais *fasces*, do que
as leis permittiam » &c. *Faces* ou são as do rosto huma-
no, ou a fachada de um edificio, ou a parte dianteira
de qualquer cousa relativamente á que lhe está opposta,
e não fica á nossa vista &c.

Fastiento e desfastiento e não enfastiento e desanfastiento, se houvermos de seguir ao P. Bluteau, allegando com João de Barros, que na Decad. 1. pag 814 disse *fastiento*.

Fasto [por pompa] melhor do que *fausto*. Vieira nos Annos da Rainha &c. pag. 28 diz. «A Magestade sem ostentação, o senhorio sem *fasto*» &c. *Fausto* propriamente é synonymo de *feliz*. «Dia *fausto*, annos *faustos*, noticias *faustas*» &c.

Fatiar e não esfatiar, dizia o insigne Barros, Decad. 2. pag. 11. «Era logo *fatiada*» &c. Hoje o uso não o ha de soffrer.

Fatigar e não fadigar é de todos os classicos, os quaes pelo contrario disseram *fadiga* e não *fatiga*.

Febra por *fevera* traz Faria na Fonte de Aganippe, Canc. 19. pag. 36. «Feliz Arabia, donde em fertil copia. — De ouro em *febras* subtiliz prolixia fia &c. Talvez assim pronunciaria por sincope; mas a usar da liberdade desta figura, devia escrever *fevra*, por que dizemos *fevra*, e não *febera*.

Feliz e felice: de tudo ha bons exemplos, contra o parecer do P. Madureira na sua Orthografia. Tambem se pode dizer *felicemente* com a auctoridade de Fr. Luiz de Sousa, e outros classicos, cujos exemplos não transcreveremos, por não sermos prolixos em cousa de pouca controversia.

Felpado por *felpudo* achamos na Fonte de Aganippe tom. 4. pag. 66. «Quando a fera veloz mais que outra alguma me recolheo em seus *felpados* braços» &c. Manoel de Faria foi mais feliz no castelhano, que no portuguez.

Femeal por *feminil* disse D. Francisco Manuel na Carta de Guia de Casados, pag. 66. Não está em uso.

Feridade por *fereza* apenas se permittirá hoje em poesia com o exemplo de Camões, Cant. 3. est. 128. « Poeme onde se usa toda a *feridade* » &c.

Festival é antiquado: diz-se *festivo*. A terminação em *al* ainda se pode admittir em poesia, como admittia a Academia dos Anonymos. Veja-se a collecção das suas obras metricas.

Filhação e não *filiação*, dizia Fr. Bernardo de Brito, como facilmente verá quem ler a sua Chronica de Cister, e os seus tomos da Monarquia Lusitana. O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha tambem observou a mesma pronunciação, dizendo na Historia dos Bispos de Lisboa, pag. 75. « Faze-lo da *filhação* de Premonstrato » &c. Hoje é mais seguro dizer *filiação*, postoque não temos por antiquada a outra pronunciação.

Filigrana « pertendem muitos, que seja a pronunciação genuina, e não *filhegrana* ou *filhagrana*. Assim o escreveo Bluteau, Madureira, e outros seguindo a Bento Pereira, que se encostou á pronunciação castelhana.

Filosomia posto que se ache em Brito na sua Chronica de Cister, pag. 466, não se deve já usar, e devemos dizer *fysionomia*.

Fineza por delgadeza, e não *finura* como dizem muitos presumidos de cultos. Não sabemos, em que Auctor o acharam.

Flamengo e não *framengo*, postoque assim o pronunciassem por muitos tempos os nossos antigos.

Flandres e *flandes*. Da primeira pronunciação ha muitos exemplos, e ainda a achamos em Severim nos seus Discursos, pag. 2. Napoles, Milão, e *Flandres* &c. Da segunda, que segue Bluteau, temos diversos exemplos em D. Francisco Manuel. « Soccorrer de gente Hes-

panha aos estados de *Flandes*: Epanaph. pag. 488. Estamos mais pela primeira pronúnciação.

Flatoso por *Flatulento*, que traz Bluteau, não tem exemplo que se siga. Em poesia poder-se-ha supportar.

Flecha é hoje mais seguro do que *frecha*, se bem que ainda ao presente tem seus defensores.

Fleima e não *fleuma*, parece pronúnciação do vulgo; mas quem consultar os classicos, verá, que é a genuina, assim como tambem *fleimão*, e *fleimatico*. A plebe diz *friema*, e os presados de cultos *flegma*.

Florido com a segunda syllaba breve se applica ao engenho, ao estilo, á idade &c. *Florido* com a segunda longa val tanto como *florecido*, ou que está em flor: arvore *florida*, campos *floridos* &c.

Fluxo e *fluxão* [termos medicos] tem differença. Dizem os da faculdade *fluxo*, v. g. de sangue; e *fluxão* de olhos, de peito &c. *Fluxo*, absolutamente fallando, é abundancia de humores superfluos, que a natureza descarrega: e *fluxão* é transmissão de humor de uma parte para outra.

Follego [respiração] e não *folgo*. E' de todos os classicos.

Formosear e não *aformosear*, querem os criticos que se diga, e pertendem igualmente que se pronuncie *formoso* e não *fermoso*, posto que assim se pronunciasse no seculo passado. Bluteau é de contrario parecer, e sempre diz *fermosear*, e *formoso*, seguindo os bons antigos.

Formulario e não *formulorio*, disse Vieira no tom. 2. pag. 21., e no 3. pag. 224., e no 10. pag. 410. O contrario dizem frequentemente pessoas, que não são povo, mas não sei com que fundamento.

Fortum e não *fartum*, como ignorantemente diz o vulgo. Seguimos a pronúnciação do P. Bluteau, porque

ainda não descobrimos nos classicos esta palavra, que talvez se deriva de *forte*, por significar cheiro desagradavel, que mui fortemente offende o olfato.

Fragozidade e fragura : do primeiro modo de pronunciar temos exemplo no Agiologio Lusitano tom. 1. « Rodando pela *fragozidade* da serra &c. Do segundo achamos exemplo no Portug. Restaur. Part. 1. pag. 219. « Fundados nas *fraguras* de suas montanhas » &c. Este historiador tem mais auctoridade entre os criticos sobre a propriedade da lingua.

Fralda e não falda, é mais frequente nos classicos. Jacinto Freire na Fabula de Polifemo, est. 1. « Do Libeo as *fraldas* emudece, monte com *fraldas* ! quem lhe tece o panno ? » &c. Camões na Ode 7.^a seguindo a origem italiana disse *falda*, e foi seguido por Manoel de Gallehos. Porem *fralda* é quasi de todos os outros textos, como Brito na Mon. Lusit., Lucena na Vida de Santo Xavier &c. Pode-se seguramente usar de uma, ou outra pronunciação.

Franqueza por *franquia*, postoque se ache em bons Auctores, já não é usada. Muitos tem a *franquia* por palavra moderna, sendo tão antiga, que já della usou Fernão Mendes Pinto na pag. 37.

Frauta e não flauta disseram os nossos bons poetas, aos quaes seguiu sempre Vieira. « Na tibia, que é uma trombeta *frautada* &c. tom. 5. pag. 190.

Frenezim e não farnezim, como viciosamente disse Fr. Simão de Santa Catharina. « Respondi-lhe, tendo dó do *farnezim*, que vos deu &c. Oraç. Academ. pag. 337.

Frescura e fresquidão ambos são usados em um mesmo sentido. *Frescura* de campos é de D. Rodrigo da Cunha na Hist. dos Bispos de Braga, pag. 387. *Fresquidão* do rio é de Barreiros na Corograf. pag. 27.

a diligencia » &c. *Frutificar* serve no sentido natural; v. g. *frutificou* o campo, a vinha &c.

Fugaz, e *fugace*. Camões no Cant. 9. est. 63 disse. « Aqui a *fugace* lebre se levanta &c. No Poema da Malaca Conquistada. Liv. 12. est. 22 achamos. « Quasi da alma *fugaz* desamparada » &c. Esta pronúnciação é a seguida.

Fuligem e não *ferrugem*, querem muitos, que se de-va chamar áquelles partes volateis, e terrestres da lenha, que fazem negro o interior da chaminé, e que *ferrugem* sirva só para explicar a corrupção do ferro, e de outros metaes, causada das partes humidas, e acidas, que nelles se contem. Vieira parece que patrocina a pronúnciação de *fuligem*, dizendo no tom. 5. pag. 516. « Entre estes grandes vasos *fuliginosos*, e tismados » &c. A querer preferir *ferrugem*, podia dizer *ferruginosos*. Porem não obstante estas distincções o uso diz constantemente *ferrugem*, e aboliu *fuligem*.

Fumar por *fumegar* tem exemplos, que bastam para defender a quem usar desta pronúnciação, especialmente se for em poesia.

Fumarada por *fumaça* é de Vieira no sentido figurado. « Na cabeça de Michol tantas *fumaradas*, na de David nenhum fumo » &c. tom. 2. pag. 7. Barros na Decad. 3. pag. 48 tambem usou de *fumoso* por desvanecido.

Fundura em lugar de *profundez*a disseram tres bons Auctores. Brito, Mon. Lusit. tom. 1. pag. 144. « Uma rotura na terra, a immensa *fundura* da qual » &c. Cunha, Hist. dos Bispos de Lisb. pag. 67. « Pasma a vista, se olha a *fundura*, que se deixa cahir sobre as aguas » &c. Fr. Heytor Pinto, Dialog. pag. 44. « Mettidos n'um abismo, e *fundura* de pensamentos » &c. Apesar destas auctoridades não podemos usar hoje de tal pronúnciação.

Furunculo [tumor] o vulgo diz *frunculo*, e *fruncho*.
Gajas e *gages*. Do primeiro modo disse Severim nas suas Noticias de Portugal, pag. 119. « Por este trabalho manda El-Rei, que lhe dem os fidalgos suas *gajas* » &c. Do segundo modo diz o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 62. « Levaram assentamentos e *gages* » &c. Esta pronunciaçãõ é mais usada.

Galanice [exercicio do galan] era no seculo passado synonymo de *galanteio*. Usou-o Fr. Antonio das Chagas nas Obras Espirituaes. Part. 1. pag. 448. Presentemente não tem uso, e diz-se *galanteio*.

Galante por *galan* achamos entre outros livros no da Corte na Aldeia, Dialog. 11. pag. 224. « Musico pintacilgo, que fino *galante* da alva » &c. mas tem prevalecido dizer-se *galan*.

Galeria e não *galaria*, como erradamente diz o povo.

Galopear e não *galopar*, se acha nos que escreveram da Arte da Cavallaria; porem como procede, ou do italiano *galoppare*, ou do francez *galoper*, não se deve estranhar a pronunciaçãõ de *galopar*.

Gangrena e não *cangrena*, como muitos pronunciam, se acha nos livros de medicina, escriptos por Auctores intelligentes da lingua.

Garabulhas e não *garavunhas*, isto é, má letra, que não se pode ler. Deriva-se da palavra italiana *garbuglio*, que quer dizer *confusão*. Porem contra o parecer de Bluteau parece que será hoje estranhada esta pronunciaçãõ, assim como em vez de *sarabulhento*, dizer-se *garabulhento* como disse Godinho na sua Viagem da India, pag. 19. « Trazem contas ao pescoco de certas frutas *garabulhentas* » &c.

Garavato e *gravato* querem alguns, que tenha differença, pronunciando *garavato* ao gancho, em que se

pendura a candêa, e *gravato* a um paosinho seco, e queimado. Os que assim distinguem, allegam para a primeira pronunciação com Francisco Rodrigues Lobo em diversos logares das suas obras; e para a segunda com o P. Fernandes na Alma Instruida, tom. 2. pag. 194, onde diz. « Um coelho, que se espetou em um *gravato* queimado.

Gargarizar e não *gargarejar*, é o que se acha nos bons livros de medicina, derivando-o do grego *gargari-zien*, ou do verbo *gargarisare*, de que usa Celso. Como dizemos *gargarejo*, só os muito escrupulosos poderão reparar em se dizer *gargarejar*.

Gasnar, e *grasnar*. A primeira pronunciação é de Diogo Fernandes na sua Arte da Caça: a segunda é de Vieira no tom. 2. pag. 112, e em outros logares. Esta é a que seguimos, contra a opinião de alguns, que ainda se não accomodam com o uso.

Gasnate, [parte do pescoço] e não *gasnête*, como erradamente pronuncia a plebe.

Gatear por *engatinhar-se*, é de Brito na Hist. Brasileira, pag. 449. « *Gateando* pela faxina sobiram » &c. Este Auctor é moderno; mas não despresado dos criticos na pronunciação correcta; com tudo não está adoptado este verbo.

Gasalhado e não *agazalho*; é o que acho em varios logares da Mon. Lusit., na Hist. de S. Domingos, nas Obras de Francisco Rodrigues Lobo, nos Sermões de Vieira, e em outros livros de igual auctoridade. Porem hoje pertendem muitos que seja antiquada esta pronunciação.

Gemini [signo celeste] pareceu a Bluteau, e a Avelar na sua Chronographia pronunciação mais segura do que *geminis*, de que usa Teixeira nas suas Noticias Astrologicas.

Genebra tem melhores exemplos do que *genevra*, se bem que devia prevalecer esta segunda pronunção, visto em latim dizer-se *geniva*.

Genizero, *genizaro*, *janiçaro*, e *janizaro*: tudo se acha em bons Auctores. *Genizero* é de D. Francisco Manuel nas Epanaphoras; *genizaro* é do Compendio Histor. pag. 4.; *janiçaro* é de João de Barros na Decad. 4. pag. 238.; e *janizaro* é de Jacinto Freire em muitos logares. Siga-se, ou esta pronunção ou a de Barros.

Gentishomens, plural de *gentilhomem*. Faço esta advertencia ao parecer escusada, porque são infinitos os que dizem *gentilhomens*. Lobo, Corte na Aldea, pag. 298. « Os *gentishomens*, que por curiosidade vem a saber o estilo, e gentilezas de cortes estranhas, » &c.

Genuflessorio [logar para estar commodamente de joelhos] e não *Genuflectorio*, como vulgarmente se diz.

Gira [linguagem dos vadios] e não *giria*, segundo a errada pronunção do vulgo. Assim o diz Bluteau, fazendo proceder esta palavra de *gira* voz arabica.

Golelha chamam muitos á *golilha*, em que são presos os soldados; mas é erro, por que *golelha* é o mesmo que em latim *isophagus*.

Golotão e não *glotão*; só se for em poesia pela liberdade da sincope.

Golotonaria e não *Gltonia*, [segundo Bluteau] traz Leonel da Costa no Commento ás Georgicas de Virgilio pag. 109. « A *gltonia*, e desejo de comer muito » &c.

Gotear melhor do que *gotejar*. Assim o usa Fr. Luiz de Souza em diversas partes da sua Historia. « A agua espalhada cahe *goteando*, e representa semear lagrimas ou derramar aljofres. Part. 2. pag. 55.

Gradulem [cor] costumam dizer os cultos, e não *gradulem*, como pronuncia o vulgo. *Gridelem* seria a pro-

nunciação mais propria, por ser palavra que vem da fran-
ceza *gris de lin*.

Gratificio por *gratificação* não se pronuncia, e só se podia achar esta palavra no livro, Ramalhete Juvenil, obra de inferior nota, assim em poesia como em lingua-
gem: « Que importa o *gratificio* para se repetir o bene-
ficio » pag. 81.

Groza em lugar de *gloza* é pronunciação de todo an-
tiquada, posto que se ache na Corte na Aldeia, pag. 334:
« As vossas razões menos dão lugar a *grozas*, que a in-
vejas. » Bluteau não despreza esta pronunciação, e só se
oppõe á de *glossa* com dous *ss*, dizendo que não é tão
usada. Nós achamo-la em Vieira no tom. 1. pag. 729,
onde diz: « A *glossa* interlineal explicou o modo » &c.

Gurupa do cavallo acho em uns auctores, em ou-
tros *garupa*. Esta pronunciação é a que tem mais seguros
exemplos.

Harmoniaco por *harmonico* traz Antonio de Souza
de Macedo na Dedicatória do seu livro *Dominio sobre a
Fortuna*, pag. 2: « Nome sonoro ao ouvido, *harmoniaco*
ao espirito » &c. Esta pronunciação tem mais uso em poesia.

Hastea, *hasta* e *haste*: de tudo ha exemplos; porem
a favor de *hastea* achamo-los mais classicos, contra Ma-
dureira, que na sua Orthographia quer só que se pronun-
cie *hasta* ou *haste*. Os exemplos em que nos fundamos
são de Vieira no tom. 2. pag. 276, e de Manuel de Ga-
lhegos no seu Templ. da Memor. Liv. 2. est. 159: « Que-
brado o ferro, a *hastea* em partes rota » &c.

Heresia e *heregia* acho nos melhores auctores, não
obstante dizermos *herege*. Vieira no tom. 9. pag. 103 de-
fende a primeira pronunciação, dizendo: « A *heresia* é
peccado contra a fé » &c. Quem tiver lição deste auctor
facilmente achará outros exemplos de *heregia*.

Hirsuto e *hirto* confundem muitos, quando rigorosamente fallando tem differença. *Hirsuto* é cousa erriçada, arrepiada, ou aspera e inculta. Camões no cant. 4. est. 71: «A barba *hirsuta*, intonsa, mas comprida» &c. *Hirto* val o mesmo que teso, e não flexivel. Leonel da Costa, Comment. a Virgil. pag. 10: «Tal é o frio, que os vestidos no corpo se fazem *hirtos*, de modo que mais parece se podem quebrar, que cortar» &c.

Humiliação e *humilhação*: o primeiro modo de pronunciar é entre outros do Padre Lucena na Vida do Santo Xavier: o segundo é de Varella no seu Num. Vocal, pag. 316. Este auctor é de inferior auctoridade entre os criticos da pura pronunciação portugueza. O primeiro é de melhor classe.

Humilimo e não *humilissimo* é que acho em Camões no cant. 4. est. 54: «Tornou em baixa e *humillima* miseria» &c. *Humildissimo* disseram alguns antigos de inferior nota. De *humilissimo* descobri um só exemplo seguro em Vieira no tom. 5. pag. 184: o animo *humilissimo* e modestissimo da virgem» &c.

Humilmente por *humildemente* se pronunciava no seculo passado. Bluteau seguiu o mesmo uso, quasi reprovando o *humildemente*.

Hipocondria e não *hipicondria*, como diz o vulgo ignorante.

Histerico [termo medico] e não *hesterico*, segundo a errada pronunciação commum.

Ictericia e não *tericia* achamos constantemente nos nossos auctores medicos, que recebemos por textos nas palavras da sua faculdade. Para assim pronunciarem lembraram-se da origem grega.

Illuso e não *illudido*, como frequentemente se ouve dizer aos que fallam sem correcção. Vieira, tom. 4. pag.

16: « Não *illusos*, mas *illusores* » &c. Em outras accepções querem alguns que se possa dizer *illudido*, cuja palavra não traz Bluteau.

Imán, carregando no *a*, e não *I'man* achamos nos melhores Classicos, e ouvimos ainda pronunciar aos mais cultos.

Imbuto não se diz, e só o lemos em um poeta ordinario: « Exercitaste alta caridade, de que era o vosso coração *imbuto* » &c. Landim, Vida de S. João de Deus, pag. 113.

Imigo, sincope de *inimigo*, nem em poesia se póde dizer, por estar inteiramente antiquado, assim como *esprito* por *espirito*, *mor* por *maior* &c.

Imminencia e *eminencia* facilmente confundem muitos, trocando o *e* em *i*, e o *i* em *e*. *Eminencia* é para explicar altura, e *imminencia* perigo que está a vir; v. g., perigo *imminente* de vida no mais *eminente* do monte. No Portugal Restaurado achamos muitas vezes *imminente* por *elevação* e altura; mas se não são erros da impressão, são muito para admirar em tal livro estes descuidos.

Immoto por *immoavel* só é permittido em poesia. Camões Eleg. 1.^a: « Com gesto *immoto* e descontente » &c. Barreto, no seu Poema ao Evangelista, com o exemplo de Camões disse tambem: « Ao natural impulso *immota* esteve » &c.

Implicação é melhor do que *implicancia*, porque muitas vezes o usou Vieira: « Como quereis que creia o meu amor uma tão grande *implicação* do vosso? » &c. tom. 1. pag. 212.

Improver por *empobrecer* traz ridiculamente Landim na pag. 108, fallando da santa prodigalidade de S. João de Deus: « Nunca teu exercicio *improver* pude, que quando a outra é vicio, tu virtude » &c.

Impunido e não *impune*. Em poesia admitte-se, se basta o exemplo de Faria na Fonte de Aganippe, onde se acha também *impunemente*.

Incessavel por *incessante* é pronunciação á qual ainda não descobrimos bons exemplos. Em quanto as não achamos, o do livro Chrisol Purificativo, pag. 236 não nos serve.

Incomportavel querem os escrupulosos que não se possa dizer, mas só *insupportavel*; porem sem fundamento, porque o usou Lobo na Corte na Aldeia, pag. 171, e o Padre Lucena na Vida do Santo Xavier, pag. 83, imitando ambos a Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Monarch. Lusit. pag. 35, onde diz: « Carregando-os de trabalhos *incomportaveis* » &c.

Incredivel por *incrivel* não tem exemplos seguros. Achamos um no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 122: « Homem de *incrediveis* forças » &c.

Indecoro por *indecoroso* é de Faria na sua Fonte de Aganippe, tom. 4. eclog. 6: « Offendes *indecoro* as bellas ninfas » &c. Creio que nos prudentes não terá imitadores.

Indesatavel: acha-se no livro Escola das Verdades, pag. 149, onde diz seu auctor: « Necessita-se de uma cadeia *indesatavel*. Não basta este exemplo, dizendo sempre Vieira *indissoluvel*. Veja-se o tom. 5. pag. 261.

Indice melhor do que *index*. De um e outro modo se acha no fim dos livros do Padre Vieira; mas esta variedade só a attribuimos a quem fazia o tal catalogo das cousas notaveis.

Inducção e *induzimento* tem sua differença no uso.

Inducção é termo da logica e da rhetorica: *induzimento* é a accção de induzir a alguem a fazer alguma cousa.

Inducto por *induzido* só tem exemplo naquelles auctores que nenhum caso fizeram de correccção no fallar.

Ineptidão e inepto, e não *inaptidão e inapto*. Vieira, tom. 5. pag. 456: « Por mais *inepto* que seja » &c. Item, tom. 8. pag. 495: « Alma para a oração mais pesada, mais *inepta* » &c.

Inesperado e insperado: de uma e outra pronunciação achamos exemplos; porem são decisivos os de Vieira, que sempre disse *inesperado*. « Ordenou a Providencia divina *inesperadamente* » &c. Palavra de Deus Empenh. pag. 57.

Inexcrutavel e não inscrutavel. Vieira, tom. 3. pag. 163: « O exame *inexcrutavel* com que ali se penetram e se apuram as consciencias » &c.

Inexhausto e não inexaurivel, como frequentemente se ouve dizer. Vieira, tom. 1. pag. 399: « Thesouro *inexhausto* » &c. Lea a este auctor quem quizer mais exemplos.

Inextinguivel e não inextincto achamos em Vieira, no seu Xavier dormindo, pag. 337: « Tão *inextinguivel* no soberano exemplar » &c. São muitos os exemplos de outros Classicos.

Infallivelidade e não infallibilidade quer Bluteau que se pronuncie; mas o uso tem introduzido o *b* sem rasão, pois que se diz *infallivel*, *infallivelmente* &c.

Infanta chamamos commummente ás filhas dos reis; porem temos *infante* por mais portuguez, por ter sido pronunciação dos nossos melhores Classicos, e não estar ainda abolida pelo uso. « Huma *infanta* deste reino tinha uma criada » &c. Corte na Aldeia pag. 275. Observando nós diversos manuscriptos originaes de bons auctores, achamos sempre o mesmo. Com tudo não duvidamos que se encontrem outros que digam o contrario. O que temos por inteiramente antiquado é *iffante*, como dizia João de Barros, seguido ainda por Bento Pereira.

Infério por *infernal* traz o poema da Destruição de Hespanha, Liv. 1. est. 98: « Assim como nos vãos reinos Cocytos, entre as chammas *inférias* trabalhosas » &c. Em quanto se não achar outro exemplo, nem em poesia admittimos esta pronunciação, porque a auctoridade deste poeta é de leve peso.

Infero e *supero* por *inferior* e *superior*, ou por *alto* e *baixo* acha-se na Corographia de Barreiros, pag. 200, fallando dos dous mares que cingem a Italia; porem não se admitte em proza.

Inficionado é mais seguro do que *infecto*, que só em poesia se admitte. Porem para explicar o defeito de uma geração é melhor dizer sangue *infecto*, do que *inficionado*.

Influencia e não *influição*, postoque se ache em Camões no Cant. 9. est. 86: « Por alta *influição* do immobil fado » &c.

Infrequencia e *infrequente* são termos que ainda não achámos em algum Classico portuguez.

Infructuoso é pronunciação mais portugueza do que *infructifero*; porem de uma e outra se acham exemplos, se bem que de *infructifero* são mais frequentes em poesia.

Inhonesto disseram alguns: *deshonesto* é o seguro.

Inhumano e *deshumano*: de qualquer dos modos se póde pronunciar, assim como *inhumanidade* e *deshumanidade*; se bem que esta segunda pronunciação é mais conforme á indole da nossa Lingua, como já em outro lugar mostrámos. Com tudo Vieira no tom. 1. pag. 542 disse: « Viviam com esta *inhumanidade* » &c. Não é só este o exemplo que nelle achamos.

Inimizar-se com alguém, e não *inimistar-se*; se bem que Bluteau pretende que se observe a segunda pronunciação.

Inobediencia tem tão bons exemplos como *desobedien-*

cia; mas os escrupulosos modernos fogem da primeira pronúnciação.

Instructo por *instruído* tem muitos por palavra mais latina que portugueza; mas ignoram que usou della não só Camões no cant. 5. est. 82, mas Barros na Decad. 2. pag. 228, dizendo: «*Instructo* na doutrina de Arrio» &c. Não sei porque esta palavra se hade ir antiquando.

Insurdecencia em lugar de *surdez* ou *surdeza*, dizem alguns auctores; mas como são de inferior nota não se devem seguir.

Inteirigado e não *interissado* disse Leonel da Costa, illustrando a Bucolica de Virgilio, pag. 107: «Os vestidos se *inteirigam*» &c. Ainda tem exemplos mais classicos.

Intemperie por *intemperança* de clima ou de humores &c. não tem exemplos seguros em prosa: nós não os achámos.

Intender e *entender* é pronúnciação que a cada passo vemos confundida, indo tão notavel differença em se pronunciar com *in* ou com *en*, como sabem os que tem estudo da Lingua portugueza. *Entender* é perceber ou ter intelligencia; mas *intender* val o mesmo que crescer e augmentar, ou fazer mais intenso. Vieira no tom. 3. pag. 370: «Não receeis que a ausencia, como costuma, me haja de esfriar o amor, porque antes o ha de *intender* e accender mais» &c. E no tom. 8. pag. 256 diz tambem: «Assim como o raio do sol, se topa com um corpo opaco, reflecte outra vez para o sol, e se dobra e *intende* mais» &c.

Intrepidez e não *intrepidez* disse Vieira no tom. 7. pag. 10: «Tanto a *intrepidez* dos mortos, como a furia dos matadores» &c. Porem *intrepidez* tambem não é destituida de exemplos, postoque já mostrámos que

em portuguez é muito proprio acabar em *eza* aquelles nomes que os castelhanos terminam em *ez*.

Intricado e *intrincado*. Esta segunda pronunçiação, que hoje a muitos criticos parece viciosa, é da Malaca Conquistada, Liv. 4. est. 25: « Não ficou fóra na *intrincada* serra » &c. *Intricado* é mais seguro.

Invectiva: convem pronunciar bem o *ct*, para se não confundir com *invétiva* ou *inventiva*, que significa talento para inventar; pois que *invectiva* val o mesmo que reprehensão com palavras asperas e picantes. Desta pronunçiação com *ct* diz Madureira, na sua Orthographia, que não achára exemplo algum em portuguez: é que o não procurou no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 90, onde se acha: « Ditos mais propios de *invectivas*, que de historia » &c.

Inverosimel pronunciam ainda alguns, seguindo a Vieira: *inverosimil* é hoje mais seguido.

Involto por *involvido* acho em Vieira, Cartas, tom. 1. pag. 223: « Por muitas partes nos chega esta mesma queixa *involta* no mesmo receio » &c. Deve-se seguir.

Iroso diziam os bons Auctores do seculo 16.^o: hoje prevalece *irado*.

Isentidão por *isenção* se acha em Fr. Heytor Pinto, dizendo nos seus Dialogos: « Parecia que era com *isenção* sobeja » &c. Está esta pronunçiação inteiramente antiquada, sendo aliás de auctor grave.

Jacaré [animal do brasil] e não *jacareo*, como ouço a muitos. A terminação em *e* domina muito em nomes propios nas linguas americanas.

Jalea [doce] erradamente pronunciam muitos, devendo dizer *gelea*, pois se deriva do verbo latino *gelo*. *Jalea* é uma embarcação da india.

Janella e não *genella*, porque vem de *jannia*, apesar

de outra extravagante derivação que lhe dá Faria, commentando a est. 49 do cant. 7. da Lusíada.

Jarretar e não *rajetar*, como erradamente se pronuncia.

Jesu e não *Jesus* é o que se encontra sempre em o Padre Vieira. Não aponto logares, porque são infinitos.

Joelho e não *Joolho* ou *giolho*, como se pronunciava em outro tempo.

Jungir por *juntar* não se diz senão fallando em parrelha de animaes, como disse Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 22: «*Jungiam* dous ou quatro cavallos» &c.

Juntar tem a seu favor melhores exemplos do que *ajuntar*.

Jurisdicção. *Jurdição* diz a plebe ignorante.

Justiceiro e *justiçoso* querem alguns criticos, seguindo a Bluteau, que tenha differença, e que por isso se não deva confundir uma pronunciação com outra. *Justiceiro* é o rigoroso na execução das leis: *justiçoso* o recto na execução da justiça. D. Rodrigo da Cunha chamou *justiçoso* a El-Rei D. Pedro 1.º de Portugal, vulgarmente chamado o *crú*. Hist. dos Bispos de Lisboa, pag. 76.

Labareda e não *lavareda*: Chagas, Cartas Espirituaes, tom. 2. pag. 31: «Em qualquer *labareda* que se levante em vossas entranhas» &c. E' de todos os bons esta pronunciação.

Laberinto e *labirinto*. O primeiro modo de escrever agradou mais a Chagas: Cart. Spirit. pag. 261: «A pesar dos *laberintos* em que me vejo» &c. «Ando tambem com uns *laberintos* de que me não sei sair» &c. Ibidem. Quem pronunciar *labirinto* encosta-se mais ao latim.

Lacra [cor] e não *lacre*, como dizem os ignorantes. Faria, Fonte de Aganippe, Liv. 1. cant. 6. so-

net. 62: « Das bocas e das faces *lacra* pura aprendem rosas » &c.

Lacrimante por *lacrimoso* é pronúnciação que os criticos não sofrem em prosa: em poesia ha exemplos.

Lagea, *lage* e *lagem*: qualquer destas pronúnciações tem seus exemplos; porem os melhores são a favor da ultima.

Lageamento melhor do que *lagedo*. Jacinto Freire, Liv. 4. n.º 106: « O *lageamento* de pedras de cores tambem burnidas » &c.

Lagôa e não *alagôa*. Dão-se hoje por antiquados os textos que trazem *alagôa*.

Lagrimosa é pronúnciação mais segura do que *lacrimosa*, que só em poesia é recebida sem reparo.

Lamento melhor do que *lamentação*, nome proprio para as tristes profecias de Jeremias. Jacinto Freire, pag. 267: « Os *lamentos* e gritos das mulheres » &c.

Lampada e *alampada*. Por mais que Bluteau faça valer a primeira pronúnciação, são muitos e bons os que estão pela segunda. *Lampeda* e *alampeda* é que é erro.

Lanço [acção] e não *lance*, achamos nos melhores Classicos. Vieira tom. 1. pag. 978: « Tenho notado um *lanço* da providencia » &c. Jacinto Freire, Liv. 1. n.º 12: « Referirei um *lanço* da urbanidade » &c. Lobo na Corte na Aldeia. pag. 185: « E' *lanço* muito certo que os que se contentaram com saber pouco latim fallam mais alatinados » &c. De *lance* usa diversas vezes o conde da Ericeira no Portugal Restaurado, e presentemente abraçou o uso esta pronúnciação.

Lapidar [estilo] e não *lapidario*, como erradamente temos achado em alguns livros modernos.

Lapis lazuli [pedra] é a genuina pronúnciação, que o povo jámais acerta, dizendo uns *laxero*, outros *lazurî*.

Largueza é para muitos o mesmo que *largura*; quando rigorosamente nos bons textos *largueza* val o mesmo que liberalidade, e *largura* é a segunda dimensão dos corpos pertencente á superficie.

Laticlavo [vestidura senatoria] e não *latoclavo*, como vulgarmente se pronuncia.

Laudes [hora canonica do Officio Divino] e não *Laudas* acho em bons Auctores e nos manuscriptos do bispo Jeronimo Osorio, que no portuguez não foi menos correcto que no latim.

Lausperenne e não *lausplene*, á maneira do povo. Acha-se em alguns *lausperennis* sem mudança alguma do latim; mas é antiquado.

Lavadouro e *lavandaria* ambos tem a seu favor bons Classicos. Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 129 disse: «Mais geito tem de *lavadouros* de roupa» &c. Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, part. 2. pag. 56 disse: «O lago faz *lavandaria* para os habitos e roupa» &c.

Lenitivo [composição da medicina para abrandar a aspereza da pelle] e não *linimento*, quer Madureira que se diga, trazendo-o para differença de *lenitivo*; porem o que se acha nos livros medicos é *linimento*. Veja-se o livro *Correcção de abusos*, pag. 210: «Oleos, *linimentos*, epithemas» &c.

Lentar por fazer-se lento tem exemplos mais seguros do que *lentejar*, que é termo mais proprio para trigo quando o revolvem e humedecem.

Letradura e não *litteratura* achamos em Vieira no tom. 8. pag. 529; porem *litteratura* é o que prevalece.

Leví, carregando o *i*, e não *Lévi* se deve pronunciar um dos tribus de Israel.

Levidão mais do que *levidade* acho nos bons Auctores para explicarem cousa leve, opposta á grave no sentido physico. Chagas, Obr. Esp. tom. 1. pag. 126: «A

levidão é uma qualidade, que nos leva acima » &c. Achamos *levidade* na Alma Instruida tom. 2. pag. 416; porém não é auctor tão seguro nas propriedades da lingua.

Lexira e não *lixira* ou *lixiria*, como hoje dizem, achamos em João de Barros na Decad. 4. pag. 174, onde diz. «A terra, que assim é cercada, e cortada de rios, chamam os persas *gixera*, e os arabes *lexira*, vocabulo, que entre outros muitos nos ficou delles do tempo, em que senhoreavam Hespanha » &c.

Liança e *alliança*. A pronunciação do primeiro modo se acha nas Decadas de Barros, e na Monarquia Lusitana em diversos logares. A do segundo é a que prevalece, e já a usou Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e outros de igual auctoridade.

Libré: Fr. Bernardo de Brito disse sempre *librea*. Veja-se da Mon. Lusit. o tom. 1. pag. 393 «e a mesma *librea* vestiam todos os remeiros » &c. Outros o seguiram.

Lidimo por *legitimo* é inteiramente antiquado, e já o era no tempo de Duarte Nunes de Leão, como elle mesmo affirma. Por isso não se deve seguir o exemplo do tom. 6. da Mon. Lusit., que diz. «Ao maior seu filho *lidimo* » &c.

Lista e *listra* são pronunciações, que os ignorantes equivocam muito, chamando *listra* ao papel, em que por sua ordem estão os nomes de pessoas, ou de cousas; e *lista* ás riscas, que tem os pannos, e sedas. Nesta segunda parte ainda é mais frequente o erro, do que na primeira, enganando a muitos o chamar-se *listão*, e não *listrão* a uma fita larga, semelhante na figura ás *listras* da seda.

Livel e não *nivel* pareceu melhor a Bluteau, por trazer a sua origem da palavra latina *libella*, e apontou alguns exemplos de Serrão no Methodo Lusitano. Não obs-

tante este Auctor ter sua auctoridade, temos a *nivel* por pronunciação mais portugueza derivada do francez *niveau*. Assim o achamos em Vieira em diversos logares, e por não apontar todos, recorreremos só ao do tom. 7. pag. 497 onde diz. « O ponto, a que se *nivella* o tiro » &c. Seguiu-o Brito na Guerra Brasilica pag. 349. « *Nivellando* pela treição a atrocidade do supplicio » &c.

Lobishomem e não *lubishomem* ou *lupishomem*, como traz um moderno nas suas Cartas impressas em Hollanda. Sá de Miranda, Dialog. est. 26 diz. « Que ahi cem mil *lobishomens* » &c.

Locotenente e não *lugartenente*, como hoje se diz, achamos em Vieira. « Adão em quanto senhor do mundo, com o governo de todos os animaes, era *locotenente* do mesmo Deos » &c. tom. 7. pag. 353. item. « Era em Judea *locotenente* de Cesar » &c. tom. 8. pag. 307. *Lugartenente* já o achamos em Marinho nas suas Antiquidades de Lisboa, part. 1. pag. 370, e no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 81. Porém os exemplos de Vieira são mais respeitaveis, pois seguiu com leve alteração a Ordenação do Reino, que no Liv. 5. tit. 87. §. 2 diz. « *Logotenente.* »

Loja dizem uns, outros *loge*, e outros *logea*; porem Bluteau só tem por segura a primeira pronunciação.

Loucura e não *louquice*, cuja palavra ainda não podemos descobrir em bom Auctor; nem no mesmo Bluteau a achamos.

Lugarinho, *lugarejo*, e *lugarete*. O primeiro modo de pronunciar é de Barros na Decad. 3. pag. 184. « Queimando as terradas, e o *lugarinho* » &c. O segundo modo é de Godinho na sua Viagem pag. 177. « *Lugarejo* de poucos visinhos » &c. O terceiro é de Marinho no Apologetico Discurso 140. « Estando Julio Cesar em um *lu-*

garete de França » &c. Qualquer destas pronunciações é portugueza; mas a terceira tem a seu favor menos exemplos, e de menor auctoridade.

Lumiar [entrada da porta] e não *liminar*, de que usou Serrão no *Methodo Lusitano*, pag. 149. *Lumiar* é de Barros na *Decad.* 3. pag. 21. Onde este Auctor não é claramente antiquado, nenhum outro lhe prefere.

Lumioso por *luminoso* achamos em Camões, cant. 10. est. 4. « Em quanto isso passar cá na *lumiosa* Costa de Asia, e America sombria » &c. Não approvamos hoje esta pronunciação, posto que Faria no *Commento* lhe chame *linda voz portugueza*.

Luscofusco e não *lusquefusque*, como dizem muitos, achamos em D. Francisco Manuel, *Cartas*, pag. 450. « Entre o *luscofusco*, que não é máo para o auditorio » &c.

Lustre e não *lustro*, na significação de luz, que reflecte de materias mui polidas, e lizas. *Lustro* é o espaço de cinco annos segundo a antiga conta romana.

Machiavel é pronunciação mais portugueza do que *machavel*, ou *machavello*, posto que esta ultima se chegue mais á genuina italiana.

Maciço e não *mocico*. Chagas, *Cart.* tom. 2. pag. 21, diz. « Ouro *maciço*, seguindo a Barros, que na *Decad.* 1. pag. 161 traz. « Como o baluarte não era *maciço* » &c. Barreiros na sua *Corograf.* pag. 107 segue o mesmo.

Madurecer melhor do que *amadurecer*. *Madurar* é só usado dos medicos, e cirurgiões.

Mameluco e não *mamaluco*, como alguns escreveram. Barros, *Decad.* 2. pag. 192 diz. « Cincoenta *mamelucos* » &c.

Manchêa e não *mãochea*, como ignorantemente pronunciam muitos presados de fallar bem.

Manear confundem muitos com *manejar*. Pronuncia mal quem diz. « Não posso *manear* as armas, o caval-

lo » &c. deve dizer *manejar*. Também diz mal quem pronuncia. « Não me posso *manejar* : » deve dizer *manear*; assim como, ganho pelo meu *maneio*, e não *manejo*.

Manjadoura melhor do que *mangedoura*. Assim o achamos em Auctores seguros, e em manuscriptos correctos.

Mareação e *mareagem*: qualquer destas pronunciações tem exemplos da primeira classe. Vieira tom. 3. pag. 76. « Tão politica é como isto a arte do pescador na *mareação* » &c. « Cuidando mais na penitencia de seus peccados, que na *mareagem* das velas » &c. Barros, Decad. 1. pag. 65.

Maremoto [tremor no mar] mais seguro do que *marimoto*: Lucena Vida de Santo Xavier, pag. 241. « Por um quarto de hora durou o *maremoto* » &c.

Marinhagem e *marinharía*: de qualquer dos modos se pode usar. A primeira pronunção é de D. Francisco Manuel nas suas Epanaforas, pag. 251. « Confundio-se de sorte a *marinhagem* » &c. A segunda é não menos que de Jacinto Freire, Liv. 2. n.º 181. « Temos a ventagem dos vasos, e *marinharía* » &c.

Mariscal e não *marechal*, diziam commummente os nossos classicos: hoje é pronunção antiquada, e o uso acceitou *marechal*, ou *marichal*, talvez com o respeitavel exemplo de Duarte Ribeiro de Macedo, que assim o traz no seu Panegirico Genealogico &c. seguindo a alguns antigos, que já usaram de *marichal*. Vejam-se os antigos genealogicos, fallando da familia dos Coutinhos.

Marôma e não *maromba*, como erradamente pronunçiam muitos, concordando com o vulgo.

Masto e não *mastro*, achamos nas edições mais correctas dos nossos melhores Auctores, assim como *masteação*, e não *mastreação*; *emmastear*, e não *emmastrear*.

Hoje pertendem alguns, que se diga *mastro*, mas para hirem coherentes porque não pronunciam tambem *mas-traréo*?

Mata-douro: nos bons textos acha-se *matadeiro*, para significar o logar, onde se matavam as rezes. Qualquer destes modos não será estranhavel, mas o primeiro tem a seu favor o uso.

Maternal, postoque mais antigo do que *materno*, ainda tem algum uso: o mesmo dizemos de *paternal*, a respeito de *paterno*, e *fraternal* em vez de *fraterno* &c. Não apontamos exemplos, porque são triviaes.

Mato e *mata* são pronunciações, que segundo alguns, andam sem razão confundidas, como se fossem o mesmo. Com effeito quem observar os nossos escriptores mais puros, e exactos na linguagem, achará pela maior parte, que chamavam *mato* áquelle logar inculto, em que nasce multidão de plantas agrestes, espessas, e baixas. *Mata* pelo contrario era para elles o bosque de arvores silvestres, onde se criam feras, e caça grossa. Mas em fim esta regra [segundo outros] não é tão certa, que não padeça uma ou outra excepção, talvez por erro de copistas, ou de correctores das impressões, confundindo nas edições de alguns livros as duas sobreditas palavras. Quem observar manuscriptos originaes de Auctores classicos, ha de estar pela distincção, que apontamos.

Medianeiro, *mediator*, e *mediatorio*. De qualquer destas pronunciações ha exemplos em Vieira. No tom. 5. pag. 34, chama a Nossa Senhora *medianeira* entre Deus, e os peccadores. No tom. 9. pag. 103 chama a Christo *mediatorio*. No tom. 6. pag. 73 chama ao pontifice *mediator* publico entre Deus, e os homens. Osório parece que escolheo *medianeiro*, ou *mediator*, que alguns pronunciam *mediador*.

Melancolia e não *melencolia*, ou *merencoria*, segundo a pronúncia muito antiga; pois já o era, quando Camões disse *merencorio* por *melancolico*.

Melena [gadelha comprida de cabello] e não *melenia*, como vulgarmente se pronuncia. «Cobria os olhos com a *melena* de ouro» &c. Galhegos, Templ. da Memor. cant. 13.

Melhoria, mais seguro do que *melhoras*; posto que desta segunda pronúncia se descobrem alguns exemplos em Vieira, que os criticos escrupulosos tem por erro da impressão, ou do amanuense. E' certo que o costume deste Auctor era pronunciar *melhoria*.

Menagem e não *homenagem*, disse D. Francisco Manuel na sua Carta de Guia de Casados pag. 165, e o Padre Lucena na Vida de Santo Xavier, pag. 474. Era então o usado: depois delles *homenagem* teve mais seguidores, e é a pronúncia que domina.

Mendacissimo superlativo de *mentiroso*, disse Marinho no seu Apologet. Discurs. pag. 3, mas não basta este exemplo.

Mendicidade ou *mendiguidade*, melhor do que *mendiguez*, pronúncia, a que ainda não podemos descobrir bom exemplo; mas o uso parece que a admittiu.

Mensura e não *medida*, disse João de Barros na Decad. 3. pag. 42 fallando de geographia. *Mensurar* é do mesmo Auctor, e devemos segui-lo, assim porque nos dá muitos exemplos destas pronúncias, como porque estas não estão ao presente antiquadas.

Mensura por *medida* vimos estranhar a um critico moderno condemnando-a por palavra puramente latina. Assim é, mas usou-a não menos que João de Barros na Decad. 3. pag. 42. Donde se vê que é portuguezissima, se bem que hoje sem fundamento pouco usada.

Mentecauto por *mēntecapto* é erradíssima pronunçiação do vulgo, pois uma é o contrario da outra. *Mentecauto*, segundo a sua derivação, deve significar homem *acaute-lado*, prudente e judicioso. *Mentecapto* é que é homem privado de juizo. Porem de *mentecauto* na significação sobredita ainda não achamos exemplo.

Mercadejar e não *mercancear* achamos na Carta de Guia de Casados, pag. 173. « *Mercadejava* a mulher, e ganhava sempre » &c. Porem a segunda pronunçiação é a que está mais em uso, e já a achamos em Brito na Guerra Brasilica, pag. 395, livro escripto com alguma propriedade de linguagem.

Mercancias e *mercadorias*, tem ambas bons exemplos, se bem que são mais os que trazem *mercancias*. O que é liberal por natureza muitas vezes faz *mercancia* da liberalidade » &c. Corte na Aldeia, pag. 272. « Dar com esperança é *mercancia* » &c. Brachilog. de Princip. pag. 144. Porem criticos ha, que tem *mercancia* por cousa diversa de *mercadoria*. Do primeiro modo chamam á fazenda que cada um compra, e do segundo á fazenda que vem no navio, ou está na loja para se comprar: e assim dizem. « Das vossas *mercadorias* esta é a minha *mercancia* » isto é, do que tendes para vender só isto compro. *Mercimonia* é que se não pronuncia, postoque se lêa no Vergel de Plantas, pag. 203.

Mercante dizem alguns em logar de *mercador*, e allegam diversos exemplos de Vieira. No tom. 3. pag. 168. « Zacheo, que era um *mercante* rico » &c. e no tom. 8. pag. 298. « o *mercante*, que tomou os assentos » &c. Porem nestes dous logares *mercante* não val o mesmo que *mercador*, mas sim *negociante*, á maneira dos italianos, que chamam *mercante* ao homem de negocio. Quanto a nós nesta accepção é que o tomou Vieira, e estamos cer-

tos que chamaria a *Zacheo mercador* e não *mercante*, se unicamente o contemplasse por homem de loja aberta com trafico mercantil.

Merito e *merecimento* ambos usadissimos. A muitos parece moderna a pronunciaçõ de *merito*, quando é tão antiga, que Fr. Bernardo de Brito nas suas obras o escreveu muito mais vezes do que *merecimento*. Foi seguido por D. Francisco Manuel, Jacinto Freire, e outros.

Miliciano e não *miliciar*, se diz de cousa pertencente á milicia. E assim de pouco importa o exemplo do livro *Commentario da Guerra do Alemlejo*, que na pag. 203 traz *miliciar* como nome.

Miniatura [modo de pintar] e não *migniatura*, como escreveu Varella no seu Numero Vocal, pag. 360, sendo aliás Auctor de bastante propriedade na locuçãõ. Já que queria a portuguezar a palavra franceza *minhard*, devia para bem escrever *minhatura*.

Minimo: é erro dizer o *mais minimo*, como disse certo escriptor, que ainda vive, e presume de fallar com propriedade a sua lingua, dizendo: *a mais minima particula* &c.

Miraculoso por *milagroso*, se acha entre outros classicos em Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 24, e em outros muitos lugares.

Mirto por *murta* só se admittle em poesia. « Ruas de verdes *mirtos* enredados » &c. *Ulyssea*, cant. 1. est. 76.

Misero e *miseravel* tem a seu favor exemplos da primeira auctoridade; porem são mais os dos bons poetas a favor de *misero*.

Miude e não *miudo* diziam os classicos, quando tomavam este termo, como adverbio. Ainda os seguio modernamente o Padre, Contador de Argote, no seu livro *Ar-*

te da Lingua Portugueza &c. dizendo sempre *miude* com o exemplo de Barros, e outros semelhantes.

Mobil e *movel*, por aquelle que dá movimento a alguma cousa. Uma, e outra pronunçiação tem bons Auctores, dizendo uns: Deus primeiro *mobil*; outros primeiro *movel*. Porem são melhores os exemplos dos que dizem *mobil*, e estes segue Bluteau, parecendo-lhe mais coherente esta pronunçiação, visto dizer-se *mobilidade* e *immobilidade*. *Movel* é hoje mais usado para explicar as alfayas de uma casa do que para exprimir cousa, que se move. Por isso os nossos antigos usavam mais de *immobil*, do que *immovel*, como concordará quem bem os tiver observado.

Modorra, *madorna*, e *madorra*. O primeiro modo de pronunciar é de D. Francisco Manuel nas Epanaforas, pag. 513. O segundo é de Chagas nas Cartas tom. 2. pag. 447. «No meio destas ondas durmo, não sei se é *madorna* de Jonas» &c. Do terceiro ainda não achamos exemplo. De qualquer dos dous primeiros se pode usar, se bem que muitos seguem hoje mais a pronunçiação de Chagas. E' certo que elle tem muito menos archaismos do que D. Francisco Manuel.

Moêda com assento circumflexo no e, pronunciavam sempre os nossos bons classicos. Ainda hoje alguns veneradores da antiguidade instam na mesma pronunçiação, e defendem-se com a de *moedeiro*, que constantemente domina com o e circumflexo. Porem é certo, que hoje prevalece o e agudo, e o contrario tem-se por viciosa pronunçiação do Minho. Tanto pode o uso!

Mogol e não *mogor*, segundo a errada pronunçiação do povo, a qual não sei como Madureira approva, chamando-lhe mais usada. Este Auctor para a sua Orthografia consultou bem pouco os nossos classicos.

Moldar e não *moldear*, como se acha em alguns: «O official que *molda* ouro» &c. Vieira, tom. 7 pag. 48.

Molesto de uma enfermidade, em lugar de *molesta-*
do, é pronunciação da qual ainda não achámos bom exemplo.

Molleza e *mollidão*: de tudo ha exemplos; porem *mollidão* parece que se vai antiquando, não obstante serem melhores os seus patronos. *Mollura* não tem bons exemplos.

Mollicia entre os Auctores que são textos não era o mesmo que *mollicie*. Com esta pronunciação denotavam o peccado torpe, e com aquella o muito mimo e demasiado melindre. Por isso Barros na Decad. 1.^a pag. 57 disse: «Com a abastança e *mollicias*» &c. Hoje não poderá usar-se desta auctoridade, porque não quer o uso.

Momia ou *mumia*, cadaver secco. A primeira pronunciação tem melhores exemplos.

Monicordio melhor do que *manicordio*, porque é mais chegado á origem grega de *monos* e *cordi*. Seguimos a Barreto na sua Orthographia, pag. 270.

Monir facilmente se confunde com *munir* entre os que não sabem pronunciar. *Monir* na pratica forense val o mesmo que *admoestar*, e vem do verbo *moneo*. Pelo contrario *munir* é o mesmo que *fortificar*, e vem de *munio*; por isso dizemos *municionado*, *munição* &c.

Monopolio e *monopolo*. Severim nas Noticias de Portugal, pag. 300, disse *Monopolo*, seguindo aos antigos. Achamos a mesma pronunciação em alguns manuscritos de bom seculo. Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *monopolio*, e é o que hoje prevalece. *Monopodio*, como diz varias vezes o Padre Lucena na vida do Santo Xavier, é erro, creio, que dos amanuenses ou dos impressores.